Estudo prevê fim de 41% das espécies exclusivas da Mata Atlântica

VANESSA DE SÁ
da Reportagem Local

Oito e oito das 214 espécies de aves exclusivas da Mata Atlântica brasileira poderão desaparecer nos próximos anos. Catástrofe ecológica? Não para uma equipe anglo-americana, que publicou este mês a previsão na revista britânica “Nature”.

"Estudamos o caso da Mata Atlântica porque a maioria dos estudos que procuram estimar as taxas de extinção como resultado da atividade humana se concentra na relação espécie-área. Procuramos mostrar que pode haver outra alternativa", disse a Folha Andrew Balmford, da Universidade de Sheffield (Reino Unido).

A ideia da relação entre a área e o número de animais de uma espécie não é nova: quanto maior a área considerada, maior o número de espécies que caberiam ali. Quanto mais destruída, mais espécies tenderiam a desaparecer.

Segundo Balmford, a maior crítica a essa ideia é que, na prática, poucas extinções foram registradas em áreas muito destruídas, como é o caso da Mata Atlântica. Para o cientista, haveria três possíveis explicações para esse fenômeno:

1) A ideia está errada. As espécies sobrevivem, mesmo que seu habitat original se perca.
2) A ideia está certa, mas, devido ao fato do desmatamento ter começado há séculos, muitas espécies foram extintas antes de cientistas terem registrado sua existência.
3) A ideia está certa, e o habitat de uma espécie é destruído, ela tende a desaparecer, mas não instantaneamente. Haveria, assim, um espaço de tempo entre a destruição do habitat e a extinção da espécie.

Segundo ele, se a primeira alternativa estivesse errada, haveria muito menos registros de espécies que foram extintas ou estão ameaçadas de extinção em espécies exclusivas da Mata Atlântica.

Mas isso não é verdade, pois cientistas acreditam que quatro espécies estão completamente extintas (mutum-d-o-nordeste, safra apunhalada, tieté-de-coraça, e entupado-grande) e pelo menos outras 60 estão ameaçadas de extinção no próximo século, segundo o pesquisador.

A segunda alternativa também não é difícil de refutar, segundo o pesquisador. "O caso de uma espécie rara registrada no século passado, o tieté-de-coroa (Cathartes cristata), sugere que espécies podem ter sido perdidas antes de serem registradas", disse Balmford.

Mas, diz ele, se isso fosse comum, o número de espécies ameaçadas seria muito menor, porque a maioria seria extinta antes mesmo de poder ser registrada e considerada ameaçada.

Segundo Balmford, é a primeira alternativa que fornece a explicação mais provável para a existência de tais espécies ameaçadas e tão poucas extinções. "Na prática, estamos contraindo uma estreita relação entre as extinções previstas para áreas restritas da mata, bem como para a Mata Atlântica inteira, e os números de área observados."